

CONSTELAÇÕES DE IMAGENS E SÍMBOLOS PRESENTES NAS CAPAS DE CADERNOS: uma Cultura da Infância?

FRANCINE BORGES BORDIN¹; LÚCIA MARIA VAZ PERES²

¹Universidade Federal de Pelotas – francine.bb1988@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – lp2709@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco temático o estudo de capas de cadernos das crianças da educação infantil até a terceira série/ano da mesorregião Sudeste do Rio Grande do Sul, a partir da década de 1950 até a década de 2000. Os cadernos pesquisados fazem parte do acervo de cadernos do grupo de pesquisa *História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares* – HISALES – coordenado pela Prof.^a Dr.^a Eliane Peres. Porém, a pesquisa que aqui se apresenta está inserida no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória – GEPIEM – coordenado pela Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria Vaz Peres, com o intuito de visibilizar os símbolos presentes em 306 capas de cadernos. Desse modo, mesmo o HISALES sendo um grupo de cunho historiográfico, esta pesquisa não se guiará por essa perspectiva, mas sim pela perspectiva anunciada, ancorada em teóricos que trabalham com a Antropologia do Imaginário, tendo como referência os estudos do antropólogo francês Gilbert Durand.

Para tal, temos como questão de pesquisa a seguinte indagação: Quais os símbolos presentes nas capas de cadernos de crianças da educação infantil até a terceira série/ano do ensino fundamental do Sudeste do Rio Grande do Sul, da segunda metade do século XX até a primeira década do século XXI? Dessa questão deriva outro questionamento: Como estes símbolos remetem para pensar a infância e a educação?

Buscando responder a esse questionamento, o pressuposto de tese que se apresenta é de que os símbolos encontrados nas imagens das capas de cadernos poderão revelar o sentido simbólico de uma concepção de infância e também de educação através desses artefatos culturais que constituem as culturas da infância. Também se tem como pressuposto que os possíveis símbolos encontrados carregam em si mesmos arquétipos, aqui entendidos como imagens primeiras e universais à espécie, de caráter coletivo e inato (DURAND, 1996). A pesquisa não focará nos arquétipos, mas nos símbolos que emergem das imagens, pois estes podem constituir-se na face visível do próprio arquétipo.

Estamos em fase da realização de um recenseamento das capas de cadernos que se constituem enquanto artefatos da cultura da infância de determinada época e região, refletindo o trajeto antropológico preconizado por Durand (2002). Ou seja, os símbolos que surgem nas capas de cadernos carregam consigo as intimações objetivas e subjetivas que emanam do meio social, permitindo compreender não só a transmutação do símbolo através das décadas, como também o trajeto cultural da infância na época pesquisada.

É importante frisar que estes cadernos fazem parte dos artefatos culturais da infância, definidos pelo sociólogo Manuel Sarmiento (2011) como “testemunhos singulares de uma cultura que se exprime na materialidade dos produtos em que se comunica” (Ibid., p.36) e repleto de significados sobre valores culturais e simbólicos que representam um grupo específico – a infância.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, tem-se como fundamento metodológico a *mitodologia*, conceito durandiano que permite investigar os mitos e símbolos de uma determinada época de uma sociedade. De forma simplificada, é o termo metodologia acrescido da palavra mito. Mito, porque a *mitodologia* durandiana foca sua análise nos símbolos e mitos de uma sociedade. Ou seja, “Durand vê o mito como o último fundamento teoricamente possível de explicação humana, um alicerce de conteúdo arquetípico, passível de procedimento analítico” (MELLO, 1994, p.45-46). Para desvelar esses mitos, a *mitodologia* divide-se em mitocrítica e mitanálise, a primeira voltada para a microanálise de um texto (literário, cultural, etc.) e a segunda voltada para a macroanálise de um contexto social. O trabalho aqui em desenvolvimento centra-se numa metodologia de tipo mitanalítica, pois esta permite um estudo que considere um largo espaço de tempo e a observação dos símbolos que se repetem ao longo dessa trajetória.

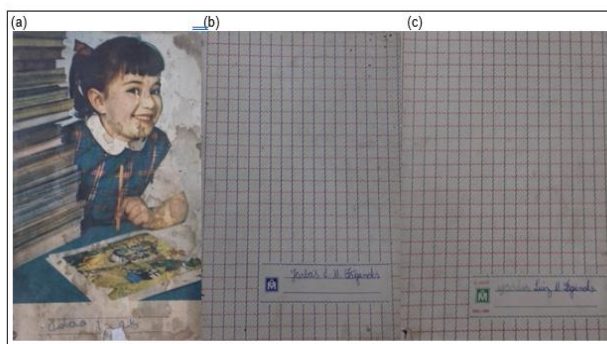
Para o processo de recolha de dados, realizou-se um levantamento de imagens (recenseamento) presentes nas capas de cadernos do acervo do HISALES, entre os anos de 1951 e 2009, bem como a catalogação e o arquivamento digital dessas imagens em ordem cronológica.

Para a análise, propõe-se: compilar os símbolos das capas dos cadernos, de acordo com algumas categorias que surgirão durante a pesquisa e que possibilitem observar as repetições simbólicas entre as décadas do estudo, buscar sua convergência e realizar uma análise final que possibilite pensar a infância e a educação no período pesquisado, em busca de uma perspectiva simbólica sobre estes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



Prancha 1 – Capas de cadernos da década de 1950
Fonte: Acervo do HISALES



Prancha 2 – Capas de cadernos da década de 1960
Fonte: Acervo do HISALES

A discussão apresentada aqui foca-se na década de 1950 e 1960, como uma forma de análise piloto.

A década de 1950 apresenta apenas uma capa de caderno: é uma imagem de cor amarronzada (envelhecida) que apresenta a palavra “Cultura” com imagens de estudantes em três fases – crianças, adolescentes e adultos. Também apresenta-os em diferentes situações: no que parece ser uma entrevista de emprego, trabalhando em um laboratório e cuidando de uma criança.

A capa que inaugura a análise de dados demonstra o ciclo escolar básico: crianças entrando na escola, desenvolvendo-se enquanto adolescentes e saindo de lá adultos. Após isso, o adulto encontra-se pronto para o mercado de trabalho,

desenvolvendo suas atividades trabalhistas e familiares, cuidando dos filhos e reencontrando a infância que deixou pra trás.

O ciclo vital pode ser simbolizado na imagem do círculo, que é visto como sem começo nem fim, representa o tempo, a eternidade e a totalidade (O'CONNELL; AIREY, 2011). E, também, pode simbolizar o mundo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012), nesse caso o mundo da infância.

Esse ciclo representado mostra o trajeto que a criança traçou: da infância à adultez e reencontrando a infância novamente. O símbolo infância aparece aqui como um eterno ciclo, onde o trajeto do sujeito o levará a reencontrá-la, ou seja, inaugura-se a análise considerando a infância como um ciclo do trajeto antropológico preconizado por Durand (2002), onde o indivíduo é moldado em relação ao seu meio social e vice-versa.

A década de 1960 apresenta três capas de cadernos: uma imagem que apresenta uma menina sorrindo com um lápis na mão em frente a uma pilha de livros e duas imagens quadriculadas azul e vermelho.

A primeira imagem observada apresenta a criança com um lápis em frente a uma pilha de livros, representando o ato de desenhar e expressando a criatividade presente na concepção de infância escolar. É preciso evidenciar que o impulso criativo é uma inspiração capaz de criar uma linguagem ou metáfora que expressa aquilo move o ser humano (O'CONNELL; AIREY, 2011). Nesse caso, o impulso criativo da criança simboliza o movimento da infância – o seu trajeto: criativo, criador, impulsionador.

Ao mesmo tempo em que se encontra essa imagem da criança e da infância na década de 1960, encontra-se também outras duas imagens: quadriculados azul e vermelho. Pode-se pensar essa imagem como algo comum em muitas capas de cadernos e que ainda irá aparecer nas próximas décadas deste estudo, sem simbologia aparente sobre a infância. Ou seja: na década de 1950 encontra-se uma infância relacionada ao trajeto antropológico do ser humano e aqui na década de 1960 inicia-se com o trajeto da infância relacionado à criatividade, mas também rodeada pelo símbolo do quadrado. Ou, ainda, do ciclo vital expresso na década anterior, que pode ser simbolizado como círculo, passa-se para o símbolo do quadrado nesta década.

O quadrado é um símbolo que manifesta a ideia de estagnação, solidificação e estabilização, de um mundo material criado e inscrito no tempo e no espaço (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012). Ao ver a infância relacionada a este símbolo, pode-se pensar que a infância está solidificada e estagnada num mundo material, temporalmente localizado. Mas não se pode esquecer que o símbolo do quadrado possibilita comportar outros símbolos em seu interior – e um deles é o círculo. Ou seja, estagnação e movimento fazem parte do trajeto da infância a que se tem referido anteriormente.

“Combinada com a do quadrado, a forma do círculo evoca uma ideia de movimento, de mudança de ordem ou de nível” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p.251). Com isso, encontra-se uma criança entre o movimento e a estabilização, polaridades simbólicas presentes nas décadas de 1950 e 1960.

4. CONCLUSÕES

O trajeto da infância encontrado, até o momento, implica o movimento do ciclo vital, com impulsos criativos, criador de metáforas, símbolos e representações, mas ao mesmo tempo estável. São diversas polaridades de um trajeto que se inscreve ao

longo das décadas.

Agora o questionamento que resta é: uma cultura da infância? Ou seja, retomando o título deste trabalho, pergunta-se: esses artefatos culturais analisados constituem a cultura da infância, pensada a partir da perspectiva do imaginário e do trajeto antropológico do ser humano? A resposta para isso é difícil e complexa, porém as primeiras observações realizadas sobre as imagens das capas de cadernos já revelam o sentido simbólico sobre a infância, caracterizando esses artefatos como instituintes das culturas da infância (SARMENTO, 2011) e representativas do trajeto antropológico do ser humano preconizado por Durand (2002), referindo-se aos objetos assimilados e modelados pelas pulsões do sujeito a quem pertencem (os cadernos que pertencem às crianças e, em seu conjunto, apresentam o simbolismo sobre a infância daquela época).

Reiteramos, também, que assim como o educador é considerado um mediador para identificar os símbolos que as crianças apresentam (ARAÚJO; GUIMARÃES, 2012), as capas de cadernos também se configuraram para este projeto como mediadoras para o reconhecimento dos símbolos que são fundacionais das culturas da infância nas décadas pesquisadas. E da mesma forma que a criança se constitui enquanto “imagem primordial pertencente a toda humanidade” (ARAÚJO, 2004, p.155), justifico o foco sobre a infância neste trabalho, considerada como o grupo geracional (SARMENTO, 2003) do qual as crianças fazem parte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Alberto Filipe. **Educação e Imaginário**. Da criança mítica às imagens da infância. Maia-PT: Centro de Publicações do Instituto Superior da Maia, 2004.
- _____. GUIMARÃES, Armando Rui. Da criança arquetipal à mitologia da infância – uma abordagem a partir de James Hillman. In: DORNELLES, Leni Vieira; FERNANDES, Natália. **Perspectivas sociológicas e educacionais em estudos da criança**: as marcas das dialogicidades luso-brasileiras. Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança; Universidade do Minho, 2012. p.241-261.
- DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1996.
- _____. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 26ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- MELLO, Gláucia B. R. Contribuições para o estudo do imaginário. **Em Aberto**, ano 14, n.61, p.45-52, jan./mar. 1994.
- O'CONNELL, Mark; AIREY, Raje. **Almanaque ilustrado dos símbolos**. 3ª ed. São Paulo: Escala, 2011.
- SARMENTO, Manuel J. **Imaginário e culturas da infância**. Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho. 2003. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto As Marcas dos Tempos: a Interculturalidade nas Culturas da Infância. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/menu_base_text_trab.htm> Acesso em: 15 set. 2009.
- _____. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias. **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p.27-60.